

JOACHIN AZEVEDO NETO

(ORGANIZADOR)

HISTÓRIA: REPERTÓRIO DE REFERÊNCIAS CULTURAIS E HISTÓRICAS



JOACHIN AZEVEDO NETO

(ORGANIZADOR)

HISTÓRIA: REPERTÓRIO DE REFERÊNCIAS CULTURAIS E HISTÓRICAS



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^o Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^o Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^o Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^o Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



História: repertório de referências culturais e históricas

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Joachin Azevedo Neto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H673 História: repertório de referências culturais e históricas /
Organizador Joachin Azevedo Neto. – Ponta Grossa -
PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0514-6

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.146220209>

1. História. 2. Conhecimento. I. Azevedo Neto, Joachin
(Organizador). II. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A obra *História: Repertório de referências culturais e históricas* consiste em uma compilação de artigos acadêmicos que lançam importantes e criteriosas reflexões tanto acerca da pluralidade de recortes temáticos, fontes documentais, bem como das múltiplas formas de se buscar compreender sociedades e culturas situadas em variadas temporalidades.

Buscamos inserir a sequência dos textos em uma lógica dotada de certa linearidade a partir dos temas tratados pelos(as) autores(as), mas sem obedecer a esquemas cronológicos rígidos. A complexidade da construção dos saberes históricos aponta para a necessidade de se considerar os diálogos – com rupturas e continuidades – que distintas épocas mantêm. Leitores dessa publicação terão contato com discussões historiográficas em torno da História do Direito, de práticas escravistas e formas de resistência negra pelo viés decolonial. A História das Mulheres, campo de investigações extremamente urgente para a atualidade, também foi aqui contemplado com estudos relevantes. Nesse mesmo diapasão, a História da Música e das Artes receberam merecido destaque nas páginas seguintes. Identidades, formação docente, ensino de História e as crises humanitárias que permeiam o neoliberalismo global compõem a parte final desta obra repleta de contribuições científicas importantes.








Sendo assim, a diversidade de temas de pesquisa histórica aqui abordados deu os subsídios necessários para que o presente livro possa vir a contribuir para a formação de iniciantes no universo das Ciências Humanas ou o aprofundamento de questões empíricas sob as quais trabalham professores e investigadores mais experientes. Esse mosaico de produções acadêmicas agrega também a possibilidade de circular em diferentes setores da sociedade que estão comprometidos com o interesse público e a necessária ponderação sobre cidadania nos tempos atuais.


A obra *História: Repertório de referências culturais e históricas* apresenta verificada densidade teórica e metodológica, perceptível nas considerações feitas por autores que destemidamente demonstraram que o conhecimento histórico, pautado em estudos sérios e consequentes, continua sendo possível e indispensável no mundo que vivemos.

Joachin Azevedo Neto

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
SENTIDOS PARA UMA TRANSIÇÃO: APONTAMENTOS SOBRE O CAMPO JURÍDICO NO PERÍODO MONÁRQUICO	
Marcus Vinícius Duque Neves	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202091	
CAPÍTULO 2	13
A FESTA DA SANTÍSSIMA TRINDADE NO HOSPITAL LÁZAROS: DEVOÇÃO E PARADOXO	
Márcia Valéria Teixeira Rosa	
Dijavan Mascarenhas	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202092	
CAPÍTULO 3	27
LUTAS CONTRA A ESCRAVIZAÇÃO ILEGAL E A IMPUNIDADE NO CEARÁ DO SÉCULO XIX	
Antonia Márcia Nogueira Pedroza	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202093	
CAPÍTULO 4	38
CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS: MULHERES NEGRAS, HISTÓRIA E IDENTIDADE	
Edineide Jorge dos Santos	
Maria Jorge dos Santos Leite	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202094	
CAPÍTULO 5	50
ARANDO O TORTO DESTINO DOS DESCENDENTES DE ESCRAVIZADOS NO BRASIL	
Maurício José de Faria	
Regina Aparecida de Moraes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202095	
CAPÍTULO 6	61
JOSEPH KI-ZERBO E CLÓVIS MOURA: TRAJETÓRIAS E HISTORIOGRAFIAS ATLÂNTICAS	
Elio Chaves Flores	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202096	
CAPÍTULO 7	75
A DITADURA DEMOCRATIZADA: AS MATRIZES HISTÓRICAS DO CENTRALISMO POLÍTICO NA CONSTRUÇÃO DO ESTADO ANGOLANO E MOÇAMBICANO	
Jochua Abrão Baloi	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202097	

CAPÍTULO 8	89
A FORMAÇÃO DOCENTE FEMININA NO PIAUÍ (1900-1930): ESCOLA NORMAL COMO INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL FEMININA	
Lorena Maria de França Ferreira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202098	
CAPÍTULO 9	100
ENTRE MEMÓRIAS E DISCURSOS: A ESTRUTURA DA NARRATIVA DE <i>O CHORO</i> , DE 1936, E SUAS CORRELAÇÕES NA HISTORIOGRAFIA DA MÚSICA URBANA BRASILEIRA	
Denis Wan-Dick Corbi	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1462202099	
CAPÍTULO 10	111
CIDADE E MÚSICA: ESPAÇO E OBJETO DE RELAÇÃO DE MEMÓRIA	
Angela Maria da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020910	
CAPÍTULO 11	119
AS MULHERES NO PROCESSO DE COLONIZAÇÃO DE SANTO ANTÔNIO DO CAIUÁ (1950 A 1970)	
Rosângela Carvalho dos Santos Mendonça	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020911	
CAPÍTULO 12	131
ENTRE O BARROCO E O MODERNO: REPRESENTAÇÕES DA CIDADE NA PINTURA DE YARA TUPYNAMBÁ	
Marcelo Cedro	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020912	
CAPÍTULO 13	172
O ENSINO DE HISTÓRIA NOS LIVROS DIDÁTICOS: PROPOSTAS DE APRENDIZAGEM NOS ESPAÇOS MUSEOLÓGICOS	
Nathalia Vieira Ribeiro	
Darcylene Pereira Domingues	
Júlia Silveira Matos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020913	
CAPÍTULO 14	182
A FORMAÇÃO PEDAGÓGICA E A DOCÊNCIA JURÍDICA: ESTADO DA ARTE	
Maria Aparecida de Almeida Araujo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020914	
CAPÍTULO 15	192
DOGMA 95: A FESTA DOS IDIOTAS E A CRISE DA ARTE NA PÓS-MODERNIDADE	
Felipe Monteiro Pereira de Araújo	


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020915>

CAPÍTULO 16.....204

DA SUBJETIVIDADE À FORMAÇÃO DE IDENTIDADES POLÍTICAS: UMA INVESTIGAÇÃO
A PARTIR DAS JORNADAS DE JUNHO DE 2013

Fabício de Oliveira Farias


Flávia Ferreira Trindade

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020916>

CAPÍTULO 17.....215

RELIGIOUS FREEDOM, A HUMAN RIGHT IN CRISIS


Maria Helena Guerra Pratas

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020917>

CAPÍTULO 18.....225

TEMPO E CRISE NO 2º GOVERNO DE VARGAS: UM OLHAR A PARTIR DO
PENSAMENTO DO INTELLECTUAL HÉLIO JAGUARIBE

Cleber Ferreira dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.14622020918>

SOBRE O ORGANIZADOR.....233

ÍNDICE REMISSIVO.....234

TEMPO E CRISE NO 2º GOVERNO DE VARGAS: UM OLHAR A PARTIR DO PENSAMENTO DO INTELECTUAL HÉLIO JAGUARIBE

Data de aceite: 01/09/2022

Cleber Ferreira dos Santos

Mestre em Educação e doutorando em História das Ideias Políticas pelo Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGHIS/UFES)

RESUMO: O principal objetivo deste trabalho foi tentar entender o significado de “tempo de crise”, presente nas representações políticas do intelectual Hélio Jaguaribe, buscando compreender a crise ministerial eclodida no seio do Ministério da Justiça entre 1952 e 1953, no 2º governo Vargas. Testemunha deste período, Jaguaribe fez circular as crises políticas do seu tempo através de uma revista que ficou conhecida como Cadernos do Nosso Tempo, fonte fecunda para a compreensão do pensamento deste intelectual e campo de análise para os resultados obtidos até aqui, em nossa pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Tempo; Crise; Ideias Políticas; Intelectuais.

INTRODUÇÃO: UM INTELECTUAL EM UMA GERAÇÃO DE INTELECTUAIS

Nascido no Rio de Janeiro, em 23 de abril de 1923, e diplomado em direito em 1947, Jaguaribe teve uma vasta formação em sua vida intelectual. Contribuições advindas da Ciência Política, da Filosofia, da Sociologia, da História e da Economia corroboraram para uma visão de mundo alargada para pensar e agir no Brasil de

seu tempo. Lecionou em grandes universidades fora do Brasil, como em Harvard, Stanford, no Institute Massachusetts of Technology (MIT) e no Colégio do México. No Brasil, foi professor do Conjunto Universitário Cândido Mendes, além de se tornar decano do Instituto de Estudos Políticos e Sociais do Rio de Janeiro (IEPES). Sucedeu Celso Furtado na Academia Brasileira de Letras em 2005 e foi autor de dezenas de livros, dentre eles, clássicos como *o nacionalismo na atualidade brasileira* (1958) e *um estudo crítico da história* (2001), publicado pela livraria Paz e Terra, em dois volumes. Fazendo da escrita sua marca registrada, Jaguaribe teve seu último trabalho publicado no ano de 2006, também pela editora Paz e Terra, denominado de “*o posto do homem no cosmo*”, vindo a falecer no ano de 2018

Posto isso, vale destacar, que o pensamento que teria conduzido Hélio Jaguaribe, ao engajamento público, remonta às experiências de um grupo de intelectuais jovens que, sob a coordenação do próprio Hélio, tiveram acesso à 5ª página do jornal “O Comércio”, a convite de Augusto Frederico Schmidt, em fins dos anos 40. Devemos considerar, também, que Jaguaribe foi parte de uma geração de intelectuais que teria experimentado um cenário político altamente conturbado no Brasil de sua época. Basta recordarmos que as pressões políticas provocadas pela Segunda Guerra Mundial (1944-1948) e a consequente disputa

pela hegemonia do poder acabara criando um cenário bastante hostil em vários países da América Latina, com graves consequências para a política externa brasileira.

Somado a isso, o fim do Estado Novo (1937-1945) promovia uma disputa política que teve como efeito a deposição do então presidente Getúlio Vargas, abrindo caminhos, não só para a abertura democrática, mas para o pleito eleitoral de 1945, com vitória de Eurico Gaspar Dutra, sob a legenda do Partido Social Democrático (PSD), o que não se via à quase duas décadas. Foi neste íterim que Jaguaribe teria testemunhado as crises do seu tempo.

De acordo com Hélio Jaguaribe, para pensar as crises políticas de seu tempo, um grupo de intelectuais passou a se organizar no Parque Nacional de Itatiaia, sob a sua liderança, originando-se aquele que ficou conhecido como o Grupo Itatiaia¹. O grupo do Estado de São Paulo era quase inteiramente filosófico, enquanto que os do Rio de Janeiro se voltavam para as ciências sociais.

Além disso, a grande maioria dos intelectuais advindos de São Paulo haviam tido suas experiências no movimento político criado por Plínio Salgado, a Ação Integralista Brasileira (AIB). Figuras como Ângelo Arruda, Miguel Reale e Renato Czerna, que tiveram relevante atuação na AIB, compunham os quadros de intelectuais paulistas. Do lado carioca, a visão política de Hélio Jaguaribe era bem outra, como bem recordou o próprio intelectual: “Fui trotskista em minha juventude, como forma de ser marxista não-stalinista; discípulo de Mário Pedrosa, nessa época, participei da experiência do Partido Socialista ao seu lado.

Doravante, o trotskismo que falava Jaguaribe, seria aquele derivado do revolucionário russo Léon Trotski, que defendia, dentre outras bandeiras, a ideia de uma “revolução permanente” que pudesse se espalhar para outros países, principalmente para aqueles países com forte dependência do capital estrangeiro.

Portanto, configurou-se, em um primeiro momento, no pensamento do Grupo Itatiaia, traçar o papel do intelectual brasileiro naquela conjuntura política de contexto conturbado, figurado, sobretudo, pelos debates que giravam entorno dos rumos que a nação deveria tomar para a guinada nacional. Assim, na medida em que o encontro desses intelectuais avançava, em Itatiaia, um esclarecimento de ideias políticas sobre a realidade brasileira irrompia no sentido de dar vazão a ação desses sujeitos. Neste ponto, cabe as observações feitas por Alzira Aves de Abreu:

Os intelectuais do Rio de Janeiro consideravam que seu papel social implicava na formulação de alternativas políticas para a sociedade brasileira, e que a elaboração de um projeto de desenvolvimento tinha prioridade sobre os aspectos ou estudos particulares. Eles definiam seu papel social como agentes de mudanças, seriam eles que deveriam diagnosticar os problemas, buscar as soluções, formar os quadros dirigentes do país, criar novos modelos

1 O Grupo Itatiaia foi responsável por configurar o pensamento de intelectuais decididos a intervir nas problemáticas do seu tempo. Sob a liderança de Hélio Jaguaribe, o Parque Nacional de Itatiaia foi o local escolhido para os encontros mensais de intelectuais tanto do Rio de Janeiro, quando do Estado de São Paulo.

No entanto, diante de visões de mundo tão distintas, entre ex-integralistas de São Paulo e marxistas do Rio, a divisão do Grupo Itatiaia passou a se desenhar como inevitável. Este conflito, procedente de perspectivas diversas, teria levado à desagregação do Grupo Itatiaia. Diante da ruptura, já sem a orientação dos paulistas, os intelectuais do Rio seguiram para uma nova fase de representações políticas, com a criação do IBESP. O Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política (IBESP), foi à forma que Jaguaribe encontrara para levar a cabo e tornar visível as ideias que tinha acerca dos rumos que o país precisava tomar para alcançar seu desenvolvimento político, social e econômico.

Deste modo, o IBESP passou a caracterizar-se como uma instituição privada, tendo suas despesas assumidas por seus próprios membros. Além disso, o IBESP nutria um convenio com o Ministério da Educação e Cultura (MEC), o que possibilitava algumas tarefas, como conferências e cursos em seu âmbito. Inclinado para uma política desenvolvimentista, Jaguaribe pautou o Instituto a partir do esclarecimento das forças progressistas, como também pelo arremetimento político dessas forças, no intuito de dar visibilidade política a um país marcado pela dependência estrangeira.

Destarte, enquanto atuava sob a égide do IBESP², em parceria com intelectuais advindos do Grupo Itatiaia, Jaguaribe resolveu criar um veículo que pudesse servir como meio de divulgação de ideias políticas no Brasil. Originou-se, desta feita, a revista *Cadernos do Nosso Tempo* (CNT), visando alcançar, principalmente, os setores da opinião pública preocupados com o dependentismo político-cultural e socioeconômico vivido pelo país. Acerca do papel da revista, Jaguaribe mesmo destacou:

Os *Cadernos do Nosso Tempo* representam um esforço para compreender o nosso tempo na perspectiva do Brasil e o Brasil na perspectiva de nosso tempo. Postulam a exigência de uma compreensão concreta da vida. Esse nosso propósito de compreensão da realidade representa, ademais, um esforço para fundamentar uma ação autêntica, apoiada na justa interpretação das possibilidades e das necessidades de lugar e de tempo.

À vista disso, Logo no primeiro número da revista, publicada em 1953, num artigo conhecido como “*A Crise Brasileira*”, Hélio Jaguaribe apresentou um diagnóstico acerca da situação econômica, social, política e cultural do país. Analisando os principais problemas que afetavam a sociedade e apontando caminhos para sua resolução, o cientista político chamava a atenção para a necessidade de um meio capaz de assegurar ao intelectual brasileiro um campo de ação para agir e pensar a crise brasileira.

Destarte, como já apontado por Alzira Alves de Abreu, o artigo denominado de “*a crise Brasileira*”, apresentado por Jaguaribe, tinha a clara intenção de servir como um texto-

² Cabe destacar, que o financiamento da revista, como também das atividades desenvolvidas pelo IBESP, provinham, sobretudo, de recursos fornecidos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), graças ao apoio do então secretário geral da entidade, Anísio Teixeira. Já o espaço para as atividades realizadas pelo Instituto era cedido pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), onde em seu auditório era promovido os cursos e conferências realizados pelo IBESP.

base para as discussões teóricas e como ponto a partir do qual os integrantes do IBESP deveriam orientar seus futuros estudos sobre a problemática brasileira. No entanto, as ideias formuladas por Jaguaribe não foram aceitas como unanimidade pelos membros do IBESP. Desta maneira, os principais desacordos se manifestaram quanto à afirmação, feita por Jaguaribe, de que a socialização dos meios de produção era a única opção viável para aquele momento histórico que o país estava vivendo.

Diante deste interregno, comum quando se trata de intelectuais com visões de mundo um tanto heterogêneas, e com dificuldades financeiras para manter as atividades do instituto, os intelectuais liderados por Hélio Jaguaribe chegaram a um consenso, de que seria preciso transformar o IBESP em órgão público, com o objetivo de receber proventos do Estado. Foi durante o segundo governo Vargas (1951-1954), que o então Ministro da Educação Antônio Balbino foi convencido da necessidade de se fazer, no Brasil, uma instituição dedicada a estudos políticos.

Deste modo, teria sido a partir dos constantes pedidos de Jaguaribe, acerca da necessidade de construção de um instituto de altos estudos no Brasil, que permitisse ao intelectual brasileiro ferramentas para análises teóricas sobre a situação política, social e econômica do país, que Antônio Balbino solicitou que fosse formalizado um projeto com as finalidades deste instituto, ficando sob a responsabilidade do próprio intelectual sua elaboração.

Isso posto, devemos compreender, que desde os encontros do Grupo Itatiaia, até o fim do IBESP, houve uma acentuada preocupação por parte desses intelectuais em exercerem suas influências sobre os grandes centros de poder, sempre inclinados ao desenvolvimento nacional. Nesse sentido, para Abreu, As questões surgidas na transição da sociedade agrária tradicional para a sociedade industrial moderna, incentivaram os intelectuais a se lançarem na formulação de estudos, planos e projetos que orientassem a política de desenvolvimento.

UM INTELECTUAL EM TEMPOS DE CRISE

Como vimos, de Itatiaia emergiu um grupo de intelectuais dispostos a serem protagonistas do pensamento político de sua época, fazendo-se conhecidos através da circulação de ideias e visões de mundo diversas. Desta geração, se destacou um intelectual comprometido a interpretar aquilo que ele mesmo convencionou a chamar de “crise do nosso tempo”. Assim, dizia Jaguaribe: “O nosso tempo, como hoje já o conhece a quase unanimidade de nossos contemporâneos, é uma época de crise, não apenas no sentido de experimentar uma crise, senão no de ser constitutivamente crítico”. (JAGUARIBE, 1954, p. 4).

Desta dita, Jaguaribe acusava a existência de uma crise no campo político-cultural brasileiro, não num sentido estritamente descritivo, mas, observando-a para nela agir. Certo

de sua responsabilidade, procurando interpretar a dita crise, Hélio Jaguaribe evidenciava que a crise política que se instalara na política brasileira seria fruto das imposições de um tempo histórico determinante. Neste sentido, afirmava o cientista político: “em nosso tempo, estão em crise às crenças adjetivas, crise que se processa na antinomia liberalismo-socialismo, ou indivíduo-sociedade, e se manifesta, mais ainda, pelas contradições inerentes a cada uma dessas posições” (JAGUARIBE, 1954, p. 6).

Em outras palavras, o cientista político argumentava que as crenças de uma época, e os hábitos nela socialmente vigentes, se relacionam no sentido de se ajustarem umas às outras, implicando sua mútua contradição e divorciando-se das práticas efetiva da vida social e política. Nesta guisa, na visão do intelectual, é no desmoronamento das crenças políticas que se verificam tempos de crise. Desta forma, Jaguaribe destacava que em países como o Brasil, onde “persistem” alienações colonialistas, a crise se sustenta a partir das consequências desta alienação, ou seja, de acordo com as perspectivas do interesse.

Houve épocas, como sucedeu com aquelas de desintegração e colapso das civilizações anteriores à ocidental, em que a problematidade com que se defrontavam os homens, não decorria apenas das antíteses que se constituíam do processo da vida, mas sim, do fato de a vida mesma, como tal, se haver tornado problemática. Por isso, “um tempo assim, um tempo como o nosso, é um desafio para a liberdade”.

Tendo sofrido grande influência do filósofo espanhol Ortega y Gasset, para qual a crise consiste na desintegração dos alicerces da vida cotidiana, Jaguaribe apontava para a necessidade de intervenção através da política (campo de poder), com vistas à superação da mesma em âmbito social. Nesta perspectiva, uma época de crise seria uma época de trânsito, quando determinada cultura experimenta um período turbulento e de aceleração de sua existência, ou seja, quando o passado não é mais vigente e o futuro é incerto, instalando-se a crença que não se pode mais crer nas normas do cotidiano.

Nessa perspectiva, acreditamos que seria essa “desorientação”, característica de uma época de crise, ressaltada por Ortega e denunciada por Jaguaribe, e em circulação através da revista *Cadernos do Nosso Tempo*, que teria denunciado a ação do intelectual. Nessa acepção, as concepções de Martin Heidegger, tecidas a partir das teorias encontradas em *ser e tempo*, passava a nutrir a visão de Hélio Jaguaribe acerca da política, entendida como um desafio para este intelectual. Isso por que, para Heidegger, o tempo seria condição de possibilidade, logo, seu último momento. Deste modo, Jaguaribe entendia que, como fatores históricos, os processos políticos se desenvolvem a partir de projetos inclinados para o futuro, elaborados de modo a adquirirem sentidos para os contemporâneos.

Por consequência, o cientista político assinalava dois planos de profundidade da crise política brasileira, um de caráter estrutural, outro de caráter conjuntural. Estruturalmente, a crise brasileira consistia no fato de o país ter ultrapassado todos os níveis de tolerância do subdesenvolvimento substancial. Ocorre, que de acordo com o intelectual, a progressiva deterioração acentuada pela crescente dependência de certas matérias primas, tais como o

carvão, o petróleo e o trigo, acabara se tornando um ponto de estrangulamento econômico que teria estagnado a capacidade de desenvolvimento nacional naquela época.

O subdesenvolvimento nacional, nas suas repercussões internas, como observado por Jaguaribe, teria acentuado novos fenômenos de subdesenvolvimento, que se caracterizaram, verticalmente, pela crescente desproporção entre as rendas das classes assalariadas e das classes controladoras da produção, da circulação, e da distribuição dos bens, caracterizando-se, de modo horizontal, com as regiões mais altamente capitalizadas, em relação com as regiões de menor densidade capitalista. Assim, a crise política brasileira, como crise na fundamentação e na estruturação do Estado, ancorada pelo subdesenvolvimento e pelo alargamento do poder das elites, teria levado o Brasil a uma crise permanente.

Como testemunha dessa crise permanente, Jaguaribe chamava a atenção para uma disputa de poder no núcleo ministerial do governo Vargas (1951-1954), agravada, sobretudo, pelo lugar ocupado pela União Democrática Nacional (UDN). A despeito desta, vejamos. Eleito sob a legenda do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), no impulso de um movimento de massas, com características de uma verdadeira revolução branca, Vargas contou com uma alargada maioria pessedista. Neste interim, nunca é demais lembrar, que os dois principais Estados da federação, São Paulo e Minas Gerais, estiveram sobre o controle de forças adversas ao PTB, a despeito de alianças eleitorais de caráter efêmero, “o que impunha ao então presidente Vargas a necessidade de transito com tais forças”.

Ocorre, porém, como bem destacado por Jaguaribe, que o pleito eleitoral de 1950 havia se dividido segundo tendências ideológicas, correspondendo de um lado às posições liberais-democráticas ao Partido Social Democrático (PSD) e a UDN, e as posições de esquerda ao PTB. Essa diversidade de tendências, somado a composição política organizada por Getúlio Vargas, teria agravado a crise política no interior do governo.

Não obstante, os interesses políticos desses grupos ainda teriam acentuado as divergências ideológicas no seio do governo, o que agravava ainda mais a crise política do governo varguista. Deste modo, enquanto o Ministério da Justiça, liderado pelo então ministro Tancredo Neves sofria ataques internamente, o entrechoque de tendências e grupos opostos, externamente, se processava numa luta pela conquista de posições no governo. Como bem recordou Jaguaribe (1953), essa crise se caracterizava pelos esforços desenvolvidos pelos políticos que aspiravam a pastas ministeriais, no sentido de encontrar uma composição que trouxesse a UDN para o governo sem enfraquecer a base governamental, que naquele período era composta pelo PSD, pelo PTB e pelo Partido Social Progressista (PSP).

Nessa altura, segundo Jaguaribe, Vargas propunha uma reforma de base administrativa, com vistas a reorganizar o serviço público, sem que se perdesse do horizonte a remodelagem dos ministérios. No entanto, na medida em que o presidente avançava na pauta de formas, visando estancar a crise política ministerial, notadamente

alargada naquele momento, seu governo enfraquecia-se ainda mais. Hélio Jaguaribe, neste sentido, destacou que a luta política partidária, disseminada no centro do governo Vargas, teria culminado no desgaste do Poder Executivo que perdeu, em grande medida, o comando do Congresso e o controle da política nacional. Como consequência dessa crise, acompanhou-se o estrangulamento do governo de Getúlio Vargas, no campo político, até o ano de 1954, quando o então presidente “sai da vida para entrar na história”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, a tentativa desse trabalho foi a de situar o intelectual Hélio Jaguaribe no seio de uma geração de intelectuais a qual foi protagonista, a “Geração de Itatiaia, com a finalidade de melhor compreender a trajetória desse sujeito histórico, a partir do pensamento político brasileiro. Dessa maneira, situar a relação entre este homem público e a política, esta entendida por nós como um campo de poder, requer do historiador as responsabilidades e os riscos de caminhar em um terreno pantanoso. Terreno este, que por motivos diversos, deve-se evitar os perigos da ilusão biográfica, que teria a desastrosa consequência de uma história intelectual de início, meio e fim.

Assumido este risco, traçamos a trajetória de um intelectual que fez da escrita seu principal instrumento de poder. Entre ideias políticas e representações de mundo, “Hélio”, como o chamava o então amigo Candido Mendes, não só engajou-se na principal problemática do país de seu tempo, o subdesenvolvimento, como também acusou “uma crise permanente” no campo da política brasileira. Parafraseando o intelectual, “uma crise revelada pelo tempo”. Dessa forma, Jaguaribe se apresenta para nós, testemunhas de um outro tempo, como um sujeito de ação, não só pela intervenção política e cultural nos assuntos da sociedade em que viveu, mas por unir passado e presente, abrindo caminhos para se pensar a crise do nosso tempo.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves: Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb). In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (org.). **Nacionalismo e reformismo Radical (1945-1964). As Esquerdas no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

ABREU, Alzira Alves. 1975. “Nacionalism et action politique au Brésil: une etude sur l’ISEB”. *Tese de doutorado*. Paris : Univeristé René Descartes.

BOURDIEU, Pierre. **Campo de poder, campo intelectual**. Itinerário de un concepto. s/l: Montessor, 2002.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Trad. Marcia Sá Cavalcante. Petrópolis, Vozes, 2005.

JAGUARIBE, Hélio. **O ISEB e o desenvolvimento nacional**. In: TOLEDO, Caio Navarro de (org). **Intelectuais e Política no Brasil: a experiência do Iseb**. Rio de Janeiro, Revan 2005.

JAGUARIBE, Hélio. **“Apresentação”**. *Cadernos do nosso tempo*, nº 1. Rio de Janeiro, IBESP, 1954.

JAGUARIBE, Hélio. **A crise brasileira**. *Cadernos do nosso tempo*, nº 1. Rio de Janeiro, IBESP, 1954.

ORTEGA Y GASSET, José. **Obras Completas**. Madrid: Alianza, 1983. (12 tomos). São Paulo: Contexto, 2013.

PÉCAUT, Daniel, **Os Intelectuais e a Política no Brasil**: “Entre o Povo e a Nação”. Ed. Ática, 1990.

SCHWARTZMAN, Simon. **O pensamento Nacionalista e os Cadernos de Nosso Tempo**. Brasília; Editora UNB, 1979.

SOBRE O ORGANIZADOR

JOACHIN AZEVEDO NETO - Atualmente, é Professor Adjunto de Historiografia e História Contemporânea na Universidade de Pernambuco – UPE/Campus Petrolina. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa de Política e História Literária - GEPPHIL, vice-coordenador do Núcleo de Extensão e Pesquisa em História, Educação, Linguística e Literatura - NEPHEL e da TV NEPHEL na mesma instituição. Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em História - PPGH da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG. Possui doutorado em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC (2015), financiado pela CAPES. Realizou Mestrado em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande/UFCG (2010) e Graduação em História pela Universidade Estadual da Paraíba/UEPB (2008). Tem publicações com ênfase na área de História e interesse nos seguintes temas: História Contemporânea e Literatura, História dos Intelectuais e Teorias da História. É da Red de Estudios Biográficos de América Latina - REBAL e do Grupo de Pesquisa História e Arte, Teorias da História (Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC). A tese de sua autoria, *Vida literária e desencantos: uma história da formação intelectual de Lima Barreto (1881-1922)*, foi premiada no II Prêmio Sandra Jatahy Pesavento de Teses em História Cultural (2016). Palestrante com experiência na área de História & Literatura. Coordenador do programa História em debate, parte da programação veiculada pela TV Nephel (YouTube), no qual professores/pesquisadores com trajetórias acadêmicas consolidadas na área de Ciências Humanas são recebidos para diálogos multidisciplinares em torno de temáticas consideradas urgentes para nosso tempo presente. Participa também do Conselho Editorial e de comissões de avaliação *Ad hoc* de diversos periódicos científicos.

ÍNDICE REMISSIVO

A

África 48, 53, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 79, 82, 84, 86, 87, 121

Alagoas 39

Angola 63, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88

Arquivologia 13

C

Cativeiro 27, 33, 58

Ceará 27, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 123

Clóvis Moura 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74

Código criminal 27, 29, 31

Cotidiano 6, 35, 36, 55, 57, 95, 114, 115, 118, 229

D

Democracia 75, 82, 84, 85, 86, 87, 88

Descendentes de escravizados 50, 55, 56, 59, 60

Diáspora 61, 62, 72, 73, 74

Direito 2, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 32, 35, 42, 52, 54, 55, 57, 58, 76, 78, 79, 83, 84, 87, 89, 97, 126, 143, 182, 183, 184, 185, 187, 188, 189, 190, 191, 208, 225

Ditadura 75, 76, 77, 83, 84, 85, 86, 87, 150

E

Encantado 50, 51, 55, 57, 58, 59, 60, 101, 105, 107

Escravidão 2, 3, 4, 7, 23, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 41, 42, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 64, 67, 69, 70, 71, 72, 162

Escravizados 27, 31, 32, 33, 34, 35, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 70

F

Formação docente 2, 89, 91, 98, 186, 187

Fredick Barth 44

Frei Antônio do Desterro 15, 16, 18

H

História 1, 2, 1, 2, 12, 13, 25, 27, 33, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 83, 87, 88, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113,

114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 144, 150, 159, 161, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 179, 180, 192, 195, 196, 198, 202, 203, 204, 205, 207, 210, 211, 213, 225, 231, 233

História cultural 139, 170, 180, 233

História da arte 13, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 161, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 202

História da educação 179

História da música 2, 102, 103, 105

História das mulheres 2, 119

História social 27, 36, 37, 74, 104, 137, 140

Historiografia 4, 61, 62, 63, 64, 72, 74, 100, 101, 102, 103, 105, 107, 131, 135, 140, 166, 169, 180, 233

I

Identidade étnica 38, 39, 41, 45, 46, 47, 48

Instituições 1, 4, 11, 59, 65, 66, 67, 72, 76, 80, 85, 86, 89, 122, 125, 150, 178, 182, 183, 188, 189, 195, 204, 207, 212, 213

Itamar Vieira Jr. 50

J

James Scott 32

Joseph Ki-Zerbo 61, 62, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74

L

Lepra 14, 15, 23

Liberalismo 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 229

Libertos pobres 27, 31, 33

M

Max Weber 44

Memória 17, 25, 39, 40, 48, 49, 63, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 106, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 120, 129, 132, 133, 154, 159, 160, 163, 166, 167, 168, 169, 179, 180

Moçambique 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88

Monarquia 1, 3, 5, 8, 10, 11

Mulheres negras 38, 39, 41, 47

P

Pe. Antônio Vieira 59

Política 1, 3, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 18, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 49, 64, 65, 69, 71, 72, 73, 75, 78,

80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 109, 119, 129, 149, 170, 176, 184, 195, 204, 210, 213, 216, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233

Positivismo 3, 4, 183, 189

Pós-modernidade 192, 197, 198, 200, 201, 202, 203

Práticas jurídicas 1

Q

Quilombolas 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 48

R

Resistência 2, 30, 32, 36, 37, 38, 41, 42, 43, 46, 47, 48, 53, 71, 72, 80, 197, 198, 209, 211

Rio de Janeiro 11, 12, 13, 14, 15, 25, 26, 35, 36, 37, 48, 49, 60, 73, 74, 87, 100, 107, 109, 110, 130, 132, 143, 146, 168, 169, 180, 190, 191, 202, 203, 209, 213, 214, 225, 226, 231, 232

S

Século XIX 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 11, 12, 14, 27, 33, 36, 37, 38, 40, 53, 62, 68, 71, 91, 97, 101, 112, 113, 135, 142, 143

T

Thomas Driendl 13, 22, 23

Torto Arado 56, 57

Y

Yara Tupinambá 133, 146, 147, 149, 150, 151, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 161, 163, 169

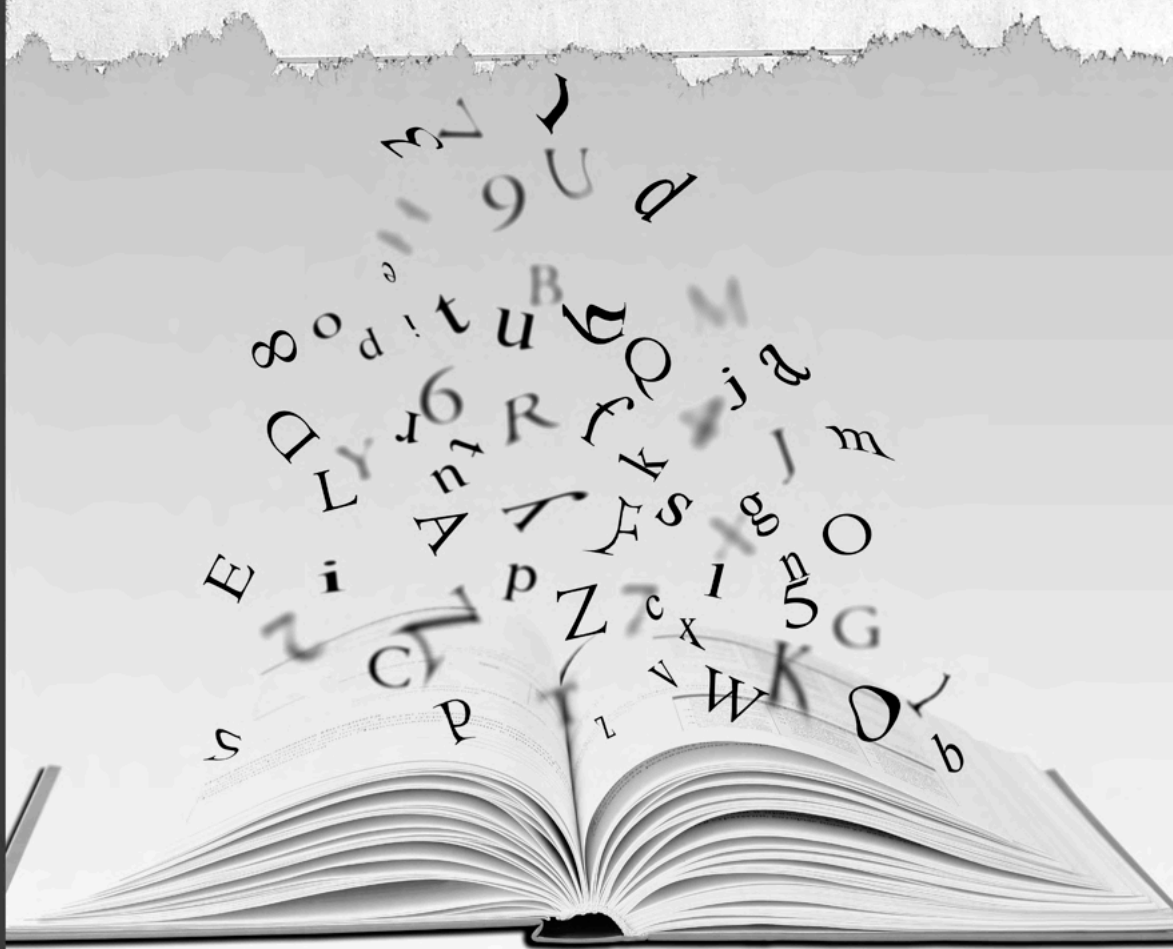
🌐 www.atenaeditora.com.br

✉ contato@atenaeditora.com.br

📷 @atenaeditora

📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

HISTÓRIA: REPERTÓRIO DE REFERÊNCIAS CULTURAIS E HISTÓRICAS



🌐 www.atenaeditora.com.br

✉ contato@atenaeditora.com.br

📷 @atenaeditora

📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

HISTÓRIA: REPERTÓRIO DE REFERÊNCIAS CULTURAIS E HISTÓRICAS

